

# 1921 E CEM ANOS DEPOIS: ALGUNS ECOS DE *BATOUALA* NO BRASIL

Josilene PINHEIRO-MARIZ\*

**RESUMO:** Neste artigo, buscamos refletir sobre os ecos do romance *Batouala*, no Brasil, cem anos depois, levando-se em consideração a sua importância como primeiro romance negro, escrito por um negro. A necessidade desta discussão ancora-se no fato de a referida obra ter, no ano de 2021, completado um centenário de publicação e premiação com uma das recompensas mais expressivas das literaturas de língua francesa e mundial, o *Goncourt*. Para estas ponderações, seguiremos dois caminhos: o primeiro, que dá relevo à arqueologia do texto literário dito “francófono”, no dizer de Allouache (2018), observando a obra de René Maran como autor de língua francesa, não francês, a obter reconhecimento internacional, provocando amor e ódio entre leitores dos Departamentos e Territórios Ultramarinos, entre os da metrópole, -a França-, e por extensão, da Europa (RUBIALES, 2005); no segundo caminho, estabelecemos um diálogo entre a obra *Batouala* e a literatura brasileira publicada nestes últimos cem anos, resgatando nessa história, os escritores que contribuíram para a construção de uma literatura “verdadeiramente” brasileira, assim como se entende *Batouala*, de Maran, “*un roman véritablement nègre*”. Nessa esteira, deparamo-nos com *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, que dá voz aos condenados da terra (FANON, 2002), neste Brasil profundo, dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Batouala*. *Torto Arado*. Arqueologia. Colonização.

## Introdução

*That's not what she hear, she said. She hear all we poor like beggar. We ate salt fish- no money for fresh fish. That old house so leaky, you run with calabash to eatch water when it rain. Plenty*

---

\* UFCG - Universidade Federal de Campina Grande. Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino. Campina Grande – PB – Brasil. 58429-900 - josilene.pinheiro@professor.ufcg.edu.br. Mestre e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos (USP). Pós-Doutorado pela Universidade Paris 8.

*white people in Jamaica. Real white people, they got gold money. They didn't look at us, nobody see them come near us. Old time white people nothing but white nigger now, and black nigger better than white nigger.* (RHYS, 1966, p.19)<sup>1</sup>.

A citação que escolhemos para iniciar estas reflexões que tratam do eco da obra *Batouala*, de autoria do guianês René Maran (1921), espelha uma realidade que dura há séculos na História da humanidade. O lugar reservado à pessoa de pele negra parece ser, em qualquer sociedade pelo mundo, e historicamente, um lugar de subalternidade, conforme se pode ler no romance *Vasto mar de sargaços* (1966), da dominiquesa Jean Rhys. A partir desse ponto de vista, a literatura caribenha se revela como um espaço de importantes reflexões a esse respeito, conforme se pode ler na citação de Rhys. Mas, qual relação teria com o romance *Batouala*? É na própria obra que encontramos a resposta, ao ler: « *Aha! les hommes blancs de peau. Qu'étaient-ils donc venus chercher, si loin de chez eux, en pays noir ? Comme ils feraient mieux, tous, de regagner leurs terres et de n'en plus bouger !* » (MARAN, 1938, p.21)<sup>2</sup>. Observamos, então, que com a imposição de sua presença, parece-nos que o branco sempre esteve em situação de superioridade em relação ao negro; e, as consequências dessa realidade são sentidas até os nossos dias.

Então, seja em um romance publicado há um século, ou na década de 1960, ou ainda nestes anos de 2020, pode-se assegurar que o povo negro tem sido subalternizado ao longo de séculos, desde as primeiras incursões dos europeus pelos mares africanos em busca dos negros, forçando-os à situação de escravização, compreendendo-os como seres inferiores, até a contemporaneidade em que o slogan *Vidas negras importam* ecoa nas cidades mundo afora. Evidentemente, esse não é o foco de nossas reflexões; no entanto, para melhor compreender a proposta de Maran e o motivo de ter sido reconhecido com um prêmio tão importante e constituir-se em agente de hesitação entre leitores brancos e negros, das colônias e das metrópoles europeias, ainda nos nossos dias, reflete a importância dessa obra enquanto marco da história da literatura de língua francesa.

<sup>1</sup> “Ela disse que não foi isso que ouvira dizer. Ouvira dizer que nós todos estávamos pobres como mendigos. Comíamos peixe salgado- não tínhamos dinheiro para peixe fresco. Que a casa velha estava tão cheia de goteiras que era preciso correr com uma cabaça para aparar a água quando chovia. Tinha muita gente branca na Jamaica. Gente branca de verdade, que tinha muito ouro. Eles não olhavam pra nós, não chegavam perto de nós. Gente branca de antigamente não passava de negro branco agora, e negro preto era melhor que negro branco.” (RHYS, 2012, p.19).

<sup>2</sup> “Aha! homens de pele branca. O que eles teriam vindo procurar, tão longe de suas casas, em um país negro? Seria muito melhor todos voltarem para suas terras e não se mexerem mais!” (MARAN, 1938, p.21). As traduções do romance *Batouala* são de nossa autoria, salvo menção contrária.

Assim, neste artigo, em um primeiro momento, faremos uma ancoragem histórica do contexto de publicação da obra de Maran, ponderando sobre não somente a importância do prêmio, mas também, realçando elementos que fizeram do romance, um “verdadeiro romance negro escrito por um negro”. Nessa ancoragem, trataremos discussões concernentes à produção literária da África de língua francesa. Sem problematizar a questão do termo “francofonia”, apenas destacaremos pontos de vista de pesquisadores que têm se debruçado sobre o tema, a exemplo de Allouache (2012), Joubert (2006), dentre outros estudiosos que dão conta da problematização do termo em um contexto mundial em que a Francofonia pode ser compreendida sob diversos pontos de vista. Outra discussão necessária a ser feita neste artigo é a que vislumbra a “fábrica de autores africanos”, segundo Ducournau (2017), que discute o nascimento da literatura africana francófona, assim como Allouache (2018) que discute a “arqueologia” dessa literatura. Na perspectiva das duas pesquisadoras, René Maran aparece como o principal autor não francês, oriundo de uma colônia, a publicar um romance em língua francesa e a ser premiado com o *Prix Goncourt*, em 1921, um dos mais prestigiosos prêmios da literatura francesa, causando desconforto entre os franceses, principalmente, mas em outros países da Europa, dado o tom denunciatório da obra. Posteriormente, provoca também certo mal-estar entre pensadores como Frantz Fanon (2020), que critica severamente o “embranquecimento” de Maran. Entretanto, sob o olhar dos conhecidos pais do movimento da Negritude, Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor, Lóon-Gontran Damas, René Maran é um importante precursor do movimento que deu grande visibilidade aos escritores negros na primeira metade do século XX.

Por esse viés, ancoramos as reflexões pelo olhar da genealogia da literatura “francófona”, ponderando sobre a importância do resgate da memória dos povos africanos e de diáspora negra, destacando-se a necessidade de um pensamento decolonial, no dizer de Maldonado-Torres e Grosfoguel, (2020), uma vez que, a nossa concepção caminha no sentido de dar valor ao sul global, -na esteira de Souza Santos<sup>3</sup> -. Sem trazer as bases que ancoram a proposta decolonial, ressaltamos que ao dar luz à literatura de autores e autoras de língua francesa, tais como René Maran, ou a escritores brasileiros, negros ou não, caminhamos no sentido de desconstruir uma ideia estabelecida de uma língua francesa sinônimo de língua de Molière. É fato consumado que o francês seja também a língua de Molière e que ele é, sem sombra de dúvidas, um dos maiores autores da língua e

<sup>3</sup> Confira Santos e Meneses (2010).

um dos principais contribuidores para a consolidação dessa língua; mas, do nosso ponto de vista, autores como René Maran, Yasmina Khadra, Glissant, Césaire, Assia Djebar, Mariama Bâ, Marie-Léontine Tsibinda, Fatou Diome, Ananda Devi e muito.a.s outr.a.s são também, por excelência, autores e autoras que escrevem em um estilo que dá ao leitor uma dimensão do domínio dessa língua, que para muitos, configura-se como uma passarela para o restante do mundo, sendo, portanto, “proprietários” da língua também. Para além da língua de Molière, é intento também neste artigo, resgatar a memória do negro escravizado (EVARISTO, 2020). Uma vez que ao discutir essas questões, resgatamos a memória de um povo que em um número considerável, preferiu jogar-se no mar, a ser escravizado.

Dando continuidade às nossas discussões sobre a arqueologia, voltamos o nosso olhar para as publicações de autores da literatura brasileira, estabelecendo um paralelo entre as duas realidades, que se ancoram na língua francesa e na literatura brasileira de língua portuguesa<sup>4</sup>. No que concerne ao contexto de publicação da obra de Maran e das obras brasileiras que dão espaço a personagens que se assemelham àqueles que Fanon (2002) nomeia de “os condenados da terra”, identificamos obras que exibem seres humanos semelhantes, tais como na produção literária do maranhense Astolfo Marques (2021), em sua obra *O 13 de maio e outras histórias do pós-abolição* ou na literatura brasileira contemporânea, do baiano Itamar Vieira Júnior. Neste caso, no seu *Torto Arado*<sup>5</sup>, o autor parece iniciar uma nova fase da literatura brasileira, dando voz às mulheres e aos trabalhadores da terra. Na sequência, por esse caminho, deparamo-nos com autores brasileiros de uma chamada literatura regionalista, cabendo, assim, discutir o ponto de vista desse “regional”. Nessa seção, buscamos minuciar uma análise que vê no romance *Torto Arado* (2020) um dos ecos mais significativos da proposta de Maran, em *Batouala*.

No nosso olhar, o diálogo entre os dois romances não minimiza um, enaltecendo o outro. O que identificamos é que por esse prisma, *Batouala* se fortalece como um precursor literário e mesmo antropológico, revelando uma pesquisa etnográfica de uma luta de séculos de História, que dá fôlego para o nascimento de uma literatura que valoriza o personagem negro, como é o caso do

---

<sup>4</sup> A especificidade de literatura brasileira de língua portuguesa tem sua justificativa no fato de que, hoje, além da língua portuguesa, a literatura brasileira é feita também por autores de etnias diversas como as indígenas de Marcia Kambéba, Eliane Potiguara, Sônia Guajajara, Ailton Krenak, Daniel Munduruku, apenas para citar alguns/algumas autor.e.a.s que são nacionalmente conhecido.a.s.

<sup>5</sup> Confira Vieira Júnior (2020).

guerreiro *Batouala*, além de visibilizar a autoria negra. Nesse entrementes de 100 anos da história da literatura deste sul global, chegamos até a narrativa delicada e forte de Itamar Vieira Jr., que assim como René Maran, trabalha para o governo e mostra, em *Torto Arado*, as condições análogas à escravidão pelas quais muitos brasileiros ainda vivem. Pode-se reafirmar que se trata, de fato, de um romance que inicia uma nova fase da literatura brasileira, dando aos trabalhadores deste que é visto como o Brasil profundo, nas palavras do próprio autor, um apreciável espaço de voz às minorias raciais deste país.

Portanto, refletir sobre a importância do romance *Batouala* em 2021, isto é, cem anos depois de sua publicação, nos conduz, infelizmente, à terrível constatação de que no nosso país e no mundo, -constatado pelo movimento *Black lives matter*-, ainda é necessário denunciar a situação em que vive boa parte das populações negras; e, a literatura, com sua função de retratar valores culturais e revelar a face de um povo, muito mais do que a História, haja vista a literatura ser ficção, apresenta-se como esse espaço de denúncia, com um ângulo de poeticidade, como podemos ler na narrativa de René Maran, que denuncia a situação oriunda da colonização, ou de Jean Rhys, que segue na mesma esteira, fazendo despontar de modo claro as relações entre brancos e negros em um país colonizado, e ainda de Itamar Viera Jr., quando lemos no seu *excipit*: “Sobre a terra há de viver sempre o mais forte”. Afinal, quem somos nós, se não os fortes e resistentes?

### **Arqueologia ou memória em *Batouala* de René Maran e na literatura brasileira do início do século XX aos nossos dias**

Inicialmente, cabe uma exposição a respeito do título desta seção, uma vez que, dado o espaço reservado a este artigo, não seria possível realizar uma cartografia da literatura de língua francesa ou da brasileira em um recorte de um século. Notadamente, ressaltamos, aqui, que quando nos referimos à literatura de língua francesa, buscamos contemplar uma importante produção literária nessa língua publicada fora do eixo hexagonal, isto é, a literatura “dita francófona”, no dizer de Allouache (2012). Para a pesquisadora franco-argelina, esse termo entre aspas é resultado de inúmeras discussões que entendem a literatura de língua francesa como um espaço múltiplo e, portanto, pluricultural. Ora, pensar sobre essa noção de francofonia(s) e/ ou Francofonia é um procedimento indispensável para se refletir a respeito da imensa diversidade sociocultural que subjaz nesses termos.

A literatura, por conseguinte, torna-se mais um elemento que caberia nesse grande e múltiplo espaço que é a Francofonia/ francofonia(s). Uma das reflexões mais pungentes sobre o tema está em Joubert (2006), ao lembrar que a língua francesa passar a ser dos escritores em um dado momento, o da colonização; isto é, no momento em que o país se encontra em situação de dominação pela França. Todavia, cabe-nos ressaltar que há autores que não têm o francês como sua língua materna ou com outros status linguísticos que, porém, fizeram dela a sua língua de escrita, tais como a húngara Agatha Kristof ou o irlandês Samuel Beckett, que deliberadamente, decidiu escrever em língua francesa, autor do teatro do absurdo, datando de muito antes das discussões sobre a noção de literatura francófona. Para Joubert (2006), essa escolha deliberada, ou não, permite aos escritores de se expressarem em francês, de uma maneira que não fariam em outra língua, por essa razão, intitula a obra *Les voleurs de langue: traversée de la francophonie littéraire*, dado que permite a saída de um espaço para o outro através da língua ponte, o francês.

Além da problemática subjacente ao(s) termo(s), escrever sobre a arqueologia da literatura francesa e deixar os franceses fora desse espaço seria tão errôneo, quanto pesar nos autores francófonos também “ditos de expressão francesa” como forma mais adequada para ‘classificar’ a literatura escrita por autores não franceses, embora, de língua francesa. Desta maneira, para atender ao que nos propomos a fazer enquanto arqueologia da literatura de língua francesa escrita por autores não franceses, enfatizamos que um registro vultoso dessa produção aponta para Maran como início do recorte cronológico, segundo nos propõe Allouache (2018). O ano de 1921 é, pois, a data da publicação desse que foi o primeiro romance de um autor não francês, oriundo de uma colônia, espaço de dominação francesa, obra premiada e marco da literatura “francófona”: *Batouala*.

A arqueologia é necessária para que se resgatem obras que registram uma determinada proposta, como é o caso dos autores da literatura francófona. Se levarmos em consideração, as antologias literárias em língua francesa, naturalmente, nelas, serão encontrados autores franceses que marcaram a história dessa literatura; contudo, podem-se encontrar também autores não nascidos na França, mas, europeus como o irlandês Beckett, o romeno Ionesco ou ainda Apollinaire, nascido em Roma onde viveu até os 7 anos de idade, só para citar três autores do século XX, cujas obras são de leituras incontornáveis. Porém, os autores da África subsaariana, por exemplo, estão fora da rota das muitas antologias e também dos livros para o ensino do francês, segundo Blondeau (2013). O que estaria por trás dessa ausência? Eis uma questão que merece

atenção e que pode ser vislumbrada nas discussões da estudiosa francesa. Ademais, mesmo quando autores africanos estão presentes em antologias literárias, ou quando são discutidos e estudados em universidades francesas, há de se ressaltar que um hiato que sinaliza muitas ausências é sintomático; sobretudo, quando se trata de autoras. Mas, esse não é o nosso foco. O importante é ressaltar que subjacente à ideia da “fábrica dos clássicos africanos”, existem questões que merecem reflexões, a julgar pelo fato de estarem ligadas a fatores diversos, tal como nos mostra Ducournau (2017, p.15): “*La notion de classique littéraire africain est emblématique de ces mouvements spatiaux et sociaux qui façonnent, à réception des oeuvres et des auteurs, un capital symbolique susceptible de varier dans l’espace*”<sup>6</sup>. Revela que ainda há muito a ser estudado, não obstante a lacuna seja uma realidade.

Fazer uma arqueologia, por certo, remete aos arquivos da história literária, informações que podem ser encontradas em jornais da época estudada, bem como prefácios de livros publicados, discursos, notas de leitura e outros, tais como ressalta Allouache, (2018). Para a autora de *L’Archéologie du texte littéraire dit « francophone »*, pensar nisso resulta na elaboração de uma outra história, a esquecida, a que não está presente nas antologias, por exemplo. É também uma forma de questionar a historiografia estabelecida, alargando os limites impostos ao longo dos anos; ponderações que são partilhadas também por Ducornau (2017).

Com esse olhar, a pesquisadora ressalta a importância desse tipo de pesquisa, pois obriga a crítica a reconhecer a história, como foi o caso de *Batouala*, de René Maran:

*Or, dès 1921 l’imaginaire national est fissuré par leurs premiers écrits dans la mesure où ils ont obligé la critique à les reconnaître, à lire et recevoir leur histoire. L’attribution du prix Goncourt à Batouala de Maran met brusquement l’accent pour tout un champ sur l’émergence d’une littérature qui s’écrit en français. Très vite, l’assignation à demeure s’élabore sur le mode de la hiérarchisation, d’une conception verticale : le centre vs colonie. Dès lors, imiter le modèle, le ‘génie français » ne signifie pas reconnaissance.* (ALLOUACHE, 2018, p.8)<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> “A noção de clássico literário africano é emblemática desses movimentos espaciais e sociais que configuram, ao receber das obras e dos autores, um capital simbólico passível de variação no espaço.” (DUCOURNAU, 2017, p.15).

<sup>7</sup> “Ora, a partir de 1921 o imaginário nacional foi fissurado por seus primeiros escritos na medida em que obrigaram a crítica a reconhecê-los, a ler e receber sua história. A atribuição do Prêmio Goncourt a *Batouala* de Maran subitamente enfatiza todo um campo sobre a emergência de uma literatura escrita em francês. Muito rapidamente, a atribuição permanente foi desenvolvida em um modo de hierarquia, com uma concepção vertical: o centro x colônia. Portanto, imitar o modelo, o “gênio francês” não significa reconhecimento.” (ALLOUACHE, 2018, p.8).



Maran, é peça fundamental na arqueologia do texto literário “francófono”, haja vista o seu reconhecimento ter visto o dia, mesmo em tempos de fortes reflexos da colonização francesa, com uma obra que claramente denuncia as terríveis consequências da “missão colonizadora”<sup>8</sup>. No entanto, o fato de ter sido reconhecido não faz de Maran um escritor ‘senso comum’ entre leitores franceses e nos países de dominação francesa no início do século XX, particularmente nos países localizados no Caribe. Um exemplo dessa realidade está em René Trautmann que, em uma publicação de 1922, intitulada *Au pays de Batouala. Noirs et Blancs en Afrique* afirma que o romance é um panfleto de um negro racista:

*Mais, si j'en juge par la préface de l'auteur, Batouala n'est pas le simple mokoundji d'un village quelconque des rives de la Bamba; Batouala dépasse le cadre du petit roman colonial couronné par l'Académie Goncourt; Batouala est le Nègre opprimé qui saisit chaque occasion – sans danger pour lui – d'exprimer sa haine contre le Blanc envahisseur.* (TRAUTMANN, 1922, p. 23, apud GENESTE, 2010, p.3)<sup>9</sup>.

De um lado, encontraremos esse olhar para a obra como um autor negro recalçado, que deu voz ao personagem para mostrar todo o seu ódio dos brancos, sem risco levando-se em conta que a personagem Batouala está no nível da ficção. É a estudiosa Elsa Geneste (2010) que discute em seu *Autour de 'Batouala' de René Maran: réflexions sur quelques formulations racistes et antiracistes du mot « nègre »* algumas acepções do termo “negro”, em uma perspectiva de racismo linguístico nessa obra de Maran. “*À bien le comprendre, les 'noirs' – et non plus seulement les 'nègres' – refuseraient d'admettre le principe d'une prétendue supériorité des Français qui leur commanderait l'obéissance, d'où leur haine raciste des 'Blancs'*” (GENESTE, 2010, p.4)<sup>10</sup>. De toda forma, o que se observa na fala de Trautmann é um cuida-

<sup>8</sup> Termo utilizado por muitos historiadores para designar o projeto francês de colonização do final do século XIX, sobretudo no continente africano, expandindo também pelas Antilhas. A noção de “missão” está diretamente relacionada à uma ideia de que a França traria luz aos povos não “civilizados”; por essa razão, pode-se dizer que o termo “civilização francesa” é utilizado de modo inadequado, por exemplo, no ensino do francês. Maddalena de Carlo (1998) discute essa questão de modo mais detalhado.

<sup>9</sup> “Mas, a julgar pelo prefácio do autor, Batouala não é um simples mokoundji de uma aldeia qualquer nas margens do Bamba; *Batouala* vai além do marco do pequeno romance colonial coroado pela Académie Goncourt; Batouala é o negro oprimido que aproveita todas as oportunidades - sem perigo para ele - de expressar seu ódio contra o invasor Branco.” (TRAUTMANN, 1922, p. 23, apud GENESTE, 2010, p.3).

<sup>10</sup> “Compreensivelmente, os ‘pretos’ - e não mais apenas os ‘negros’ - se recusariam a admitir o princípio de uma pretensa superioridade dos franceses que os obrigaria à obediência, daí seu ódio racista aos ‘brancos’”. (GENESTE, 2010, p. 4).



doso trabalho de depreciação e desmerecimento da obra e, perceptivelmente, do prêmio concedido a um negro que inculpou a metrópole em sua missão civilizadora e civilizatória.

Um também minucioso trabalho feito por Allouache (2021) destaca a crítica feita à obra quando de sua publicação, a partir de jornais, tais como a *Nouvelle Revue Française*, essas reflexões intituladas ‘*Batouala: un roman inattendu? De la distinction au scandale*’ apontam diversos pontos de vista a respeito da obra e, obviamente, o fato de ter sido recompensado com o prestigioso Goncourt. A partir de suas investigações, Allouache (2021) revela que houve toda uma prática jornalista que buscou distanciar a obra da dimensão literária, levando-a mais para o quadro político-colonialista, resultando no que ficou conhecido como “*Affaire-Batouala*”, que põe o romance em uma perspectiva de dissensões político-ideológica.

Ainda no âmbito da arqueologia e da recepção do romance, Marie-Hélène Léotin, conselheira executiva encarregada da cultura e do patrimônio da Martinica, lembra que *Batouala* questiona o conceito de « *mission civilisatrice* » que havia sido construída no século XIX, na III República Francesa. Outro elemento levantado por Léontin (2021) centra-se na questão da tradução da obra, -que ainda não tem versão em português-, e argumenta, levando em consideração a especificidade do contexto de produção, como seriam traduzidas algumas palavras em outros países da Europa, tais como Espanha, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suécia ou Reino-Unido: “*La République française aurait-elle le monopole de ces valeurs qui sont tout simplement des valeurs universelles ou des valeurs humaines?*”<sup>11</sup>.

Para além das questões tradutórias, é importante ressaltar o que sinala o também escritor negro-africano Alain Mabanckou (2020):

*Jusque-là, pour nous autres Africains, quand on lisait la littérature, on lisait plutôt ce que l'Européen avait écrit sur l'Africain. Et là nous avions un romancier de nationalité martiniquaise mais d'origine guyanaise, noir comme nous et qui écrivait sur les réalités de l'Afrique noire, avec des personnages africains, qui se passait quelque part dans l'Oubangui-Chari. Batouala est un roman qui est très critique de la colonisation. Parce qu'il regarde le système colonial, parce qu'il regarde le fonctionnement de ses fonctionnaires, le colon qui arrive dans*

<sup>11</sup> “A República Francesa teria o monopólio desses valores que são simplesmente valores universais ou valores humanos?” (LÉONTIN, 2021).

*les colonies, a une certaine aisance et une certaine propension aux exactions.*  
(MABANCKOU, 2020)<sup>12</sup>.

O olhar desse autor congolês, ratifica o que a crítica destaca, pois o grande diferencial do romance está no fato de ter sido escrito por um negro com um perfeito domínio da língua e, com essa língua comprova, a partir de sua vivência como funcionário do sistema, as atrocidades vividas pelo colonizado. Ademais, Maran descreve uma África do ponto de vista não mais do europeu, mas, de um autor negro que nasceu na Martinica, originário da Guiana Francesa; logo, de regiões dominadas pelo colonizador francês.

Evidentemente, o fato de ser ficção dá ao autor o distanciamento necessário para registrar a história e a condição de vida do africano em condição de subalternidade. Como ficção o autor se coloca não em um lugar de delator, mas, como alguém que identifica o problema e busca formas de partilhá-lo, como um peso que precisa ser dividido. Ora, o romance é basilar para um resgate de memória do sofrimento do povo africano sob o jugo do europeu, por isso, evocamos a autora brasileira Conceição Evaristo que, de forma poética, ratifica a importância da relação entre História e Literatura enquanto um espaço para registro e resgate de memória do povo negro: “Se houvesse um monumento à memória negra, deveria ser construído no fundo do mar, em homenagem àqueles que se perderam na travessia.” (EVARISTO, 2020).

O trabalho de Maran pode ser entendido como esse monumento à memória negra e por essa razão deve ser colocado no lugar que merece em um trabalho arqueológico de investigação literária para se restituir essa memória, porque

*Restituer une histoire littéraire occultée, pour chaque moment, implique de repérer une production, une activité littéraire peu reconnue, de débusquer les traces discursives qui tendent à marginaliser un auteur, ou au contraire à le faire entrer dans le panthéon littéraire”.* (ALLOUACHE, 2018, p. 9)<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> “Até então, para nós, africanos, quando líamos literatura, líamos antes o que o europeu havia escrito sobre o africano. E neste caso, temos um romancista de nacionalidade martinicana, mas de origem guianense, negro como nós e que escrevia sobre as realidades da África negra, com personagens africanos, que se passava em qualquer lugar no Oubangui-Chari. *Batouala* é um romance que é muito crítico à colonização. Porque olha para o sistema colonial, porque olha para o funcionamento dos seus funcionários, o colono que chega às colônias tem uma certa facilidade e uma certa propensão para abusos.” (MABANCKOU, 2020).

<sup>13</sup> “Restaurar uma história literária oculta, em cada momento, implica em identificar uma produção, uma atividade literária pouco reconhecida, esvaziar os traços discursivos que tendem a marginalizar um autor, ou ao contrário, a trazê-lo para o panteão literário.” (ALLOUACHE, 2018, p. 9).

Assim, na tentativa de ancorar historicamente, o diálogo entre as literaturas em estudo e em busca de contribuir para a construção do monumento à memória negra, seguimos a nossa busca, na literatura brasileira, considerando publicações anteriores a 1921 e nos deparamos com o autor que pode ser considerado o primeiro autor negro a tratar da questão da subalternização dos alforriados, o maranhense Astolfo Marques. Ressaltamos, nesse ponto, o que é reiterado em diversas obras das literaturas negras de língua francesa, sobretudo, nas literaturas antilhanas (FANON, 2020), em que se percebe uma clara valorização da pessoa mulata em relação à negra, assomando um comportamento social bastante comum, o de entender o mulato escravo mais importante/livre que o negro alforriado.

Essa discussão, que no Brasil tem sido feita na perspectiva do colorismo (DEVULSKY, 2021), revela também o racismo estrutural da nossa sociedade (ALMEIDA, 2019); entretanto, ela nasce nos primeiros anos do século XX, sob a pluma de Astolfo Marques (1876-1918) que, em 1909, publica *O 13 de maio e outras histórias do pós-abolição*. Ora, passados alguns anos da abolição da escravidão, assinada pela princesa Isabel, cabe a pergunta: como se encontrava a sociedade brasileira e, em especial, a sociedade maranhense, diante de uma significativa quantidade de negros alforriados? Evidenciar essa questão é, por conseguinte, o objetivo da obra ficcional de Marques, incitando uma discussão ancorada no pensamento sociológico que busca a perfeita integração do negro na nossa sociedade, daí políticas sociais que, aliás, estão gravemente ameaçadas diante dos problemas de todas as ordens enfrentados pelo povo brasileiro. Quinze anos após a Abolição, como poderia a pessoa negra “incorporada” na sociedade, se ainda hoje essa é uma tarefa difícil? Especialista em Astolfo Marques, o sociólogo e professor Matheus Gato nos adverte que o autor fez a sua literatura a partir de matéria viva em uma jovem República e na periferia do Brasil. Esse autor jornalista negro e livre, Astolfo Marques, é também fruto de uma sociedade maranhense complexa e que representa um todo da sociedade brasileira. Esse é, então, o tom das narrativas de *O 13 de maio*, desde o título, pois ao mesmo tempo que parece apenas trazer à memória a data da ‘libertação’ dos escravizados, traz no seu cerne uma dura crítica à sociedade maranhense, reiterando o espaço de luta dos intelectuais negros do estado.

A título de ilustração, para se compreender o contexto social maranhense, trazemos um excerto de *O Mulato*, romance no qual Aluísio Azevedo (1881) faz uma importante crítica à sociedade maranhense, com a história de amor impossível entre Raimundo, o protagonista, e Ana Rosa, sua prima. A barreira

é tão somente pelo fato de Raimundo ser filho de uma escrava, mesmo tendo estudado Direito em Coimbra, sendo de uma família muito rica, a sua origem é empecilho fulcral para a realização desse amor. Contudo, para além da trágica história de amor, tendo como cenário a bela São Luís do Maranhão, a Ilha do Amor, Azevedo denuncia no centro do romance todas as humilhações às quais os negros daquela sociedade estariam sujeitos. O romance tem repercussão nacional, mostrando o nível de preconceito racial da sociedade maranhense tal como se pode observar no seguinte excerto:

E no fim de contas estão se vendo por aí todos os dias superiores pretos com nossas cozinheiras! Então isto tem jeito?! O governo! E o cônego inchava a voz — O governo devia até tomar uma medida séria a esse respeito — proibir aos cabras certos misteres.

— Mas, compadre!...

— Que conheçam seu lugar!... [...]

Pois você queria ver sua filha sendo confessada, casada por um negro?! você queria, compadre, que a D. Annica beijasse a mão de um filho da Domingas?! Se ela viesse a ter filhos queria que seus netos apanhassem palmatoadas de um professor negro?! Ora, seu Manoel! Você as vezes até me parece tolo! (AZEVEDO, 1881, p.30-31).

Ressalte-se que esse diálogo se dá entre um homem da religião e um comerciante, logo, dois representantes da ordem social e da moral da capital maranhense. Mas, é na fala do cônego Diogo que se vê o racismo que, por certo, colaborou para a construção social do racismo estrutural, conforme se pode ler nas discussões de Silvio Almeida (2019), pois a fala do religioso está ligada à voz de Deus; e, isso, em um país de maioria católica resulta em uma espécie de glaucoma, observando-se a raça do outro, -o negro-, unicamente como negativa, deixando-se contaminar por uma visão que tem suas origens na Europa, fortalecida pelo *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1855)<sup>14</sup>, do francês Arthur de Gobineau. Segundo o qual, a união entre as raças levaria a humanidade à decomposição intelectual e física, chegando a dizer que o humano poderia chegar a ser macaco.

---

<sup>14</sup> Confira Gobineau (1853-1855).

Essa era a ordem estabelecida no Maranhão, uma pequena amostra das sociedades brasileiras e, nesse contexto, Astolfo Marques publica *O 15 de maio*, com seu tom denunciatório, pois segundo os jornais da época, quando se queria ridicularizar alguém, chamava-a de 13 de maio, o que revelava que se tratava de um ex-cativo. A obra, composta por contos revela também a condição de vida dos negros nas fazendas do estado do Maranhão:

Os escravos, além da sua habitação, no andar térreo, possuíam um a ouara, a que chamavam jirau, onde, depositavam os surrões, os baús, as canastras e o cofo, companheiro inseparável de todas as jornadas, na caça, na pesca, na colheita, na salga, na matulagem. Na habitação dos brancos, um edifício assobradado, tinha-se entrada por uma escadaria, fora do corpo da vivenda, que levava do patamar à larga e comprida varanda que circundava a casa por três lados. (MARQUES, 2021, p.120).

A ficção do real de Astolfo Marques se confirma na História e na Sociologia brasileira, como nos assinala Gato (2018, p.128): “A fazenda Santa Rosa, imagem regional do Brasil, é uma terra de contraste, como diria Roger Bastide, um lugar onde a proximidade entre pessoas diferentes e desiguais são superpostas de modo contíguo, sem misturas, no espaço social.” No relato do início do século XX, em tudo se assemelha à narrativa de Maran, posto que seu tom notifica o leitor sobre a condição de vida dessas pessoas. Mesmo que a situação fosse conhecida do cotidiano, tê-la escrita por Marques ou por Maran joga luz sobre uma realidade que ainda nos nossos dias ainda parece ecoar, como se observa no romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Jr., escritor baiano, funcionário de um órgão federal, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), e que parece decidido a revelar as condições em que vivem homens e mulheres de um Brasil que parece ter sido esquecido pelos governantes. Nessa esteira, damos prosseguimento às nossas discussões procurando construir a memória a partir da arqueologia da literatura brasileira em diálogo com a *Batouala*.

### **Uma arqueologia que aponta para diálogos entre *Batouala* e *Torto Arado***

Às portas do centenário da Semana de Arte Moderna, evento que se constitui como ato de nascimento de uma literatura “genuinamente” brasileira, comemoram-se os cem anos do romance *Batouala* também do Brasil. É importante

registrar esse episódio, uma vez que se trata de um romance sem tradução para a língua portuguesa, o que restringiria a quantidade de leitores, considerando-se que a língua francesa não é nem a segunda língua estrangeira de ensino no Brasil. Então, por que entendemos como importante o registro? Vivemos em um país de maioria negra, o Brasil é o país com a maior população negra fora da África (85.783.143), a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) assenta essa realidade, trazendo à tona a necessidade de visibilizar a população negra do país. Para essa Sociedade da Ciência, em sua página na internet, embora seja de maioria negra, no mercado de trabalho pretos e pardos ocupam apenas 29,9% de cargos de gerência, conforme aponta uma pesquisa sobre desigualdades do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Ora, a literatura brasileira, que teve seu nascimento há quase 100 anos não traz muitas narrativas dessa realidade. Quando se trata da literatura regionalista brasileira, há que se pensar de qual ponto de vista se trata do “regional”. As obras que foram classificadas como regionalistas são obras que, de um modo geral, retratam a seca na região Nordeste ou a pobreza do povo dessa região, a mais pobre do Brasil. Além do que, lê-se também nas páginas da literatura regionalista brasileira a força do gaúcho na escrita de Érico Veríssimo (1905-1965), ou as particularidades do mineiro em Guimarães Rosa (1908-1967), ou ainda as questões sociais nas ruas e repartições públicas do Rio de Janeiro no olhar de Lima Barreto (1881-1922), como em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*<sup>15</sup>, publicado em 1919 e ainda nas narrativas de Monteiro Lobato (1882-1948), que povoaram o imaginário das crianças brasileiras, como em *Narizinho Arrebitado* (1921), *O Saci* (1921), *Fábulas de Narizinho* (1921)<sup>16</sup>. De um modo geral são narrativas com cenário campestre, mas com personagens pertencentes a uma certa camada da sociedade, com exceção dos negros, que são em geral, empregados subalternizados.

Saindo do eixo Sul-Sudeste, deparamo-nos com os chamados autores da literatura regionalista do Brasil, tais como Graciliano Ramos (1892-1953), nascido em Quebrangulo, no estado de Alagoas, autor de um dos maiores clássicos de nossa literatura, *Vidas Secas*<sup>17</sup>, de 1938, obra que narra a seca na região Nordeste como uma das principais pragas da região. No mesmo ancoradouro está a cearense Rachel de Queiroz (1910-2003), que com seu clássico *O Quinze*<sup>18</sup>, de

---

<sup>15</sup> Confira Barreto (2017).

<sup>16</sup> Confira Lobato (2021a, 2021b, 2021c).

<sup>17</sup> Confira Ramos (2019).

<sup>18</sup> Confira Queiroz (2019).

1930, também descreve os horrores causados pela seca do ano de 1915, quando ainda era criança. O paraibano José Lins do Rego (1901-1957) é também responsável por uma das narrativas mais emblemáticas do regionalismo, com o seu *Menino de Engenho*<sup>19</sup>, 1932, em que expõe a condição social e de trabalho dos operários dos engenhos de cana de açúcar, podendo ser também entendido como um romance de denúncia.

Dentre os nordestinos, o baiano Jorge Amado (1912-2001) e o maranhense Josué Montello (1917-2006) estão entre os escritores mais lidos fora do Brasil. A obra de Jorge Amado tem traduções em diversos países, além de ter a sua obra adaptada para o cinema; já o romance *Os tambores de São Luís*<sup>20</sup> é, provavelmente, o mais lido e traduzido do autor. Mas, qual seria a obra que melhor representaria um eco de *Batouala*? Somente quase 100 anos depois do romance de Maran, é que nos deparamos com *Torto Arado*, um romance que tem muitas aproximações, dialogando em diversos aspectos com *Batouala*. Nessa perspectiva, continuamos as nossas reflexões, pois a arqueologia da memória do povo negro, no dizer de Evaristo, precisa ser construída; e, no caminho, identificamos no romance de Itamar Vieira Júnior temas e percursos muito semelhantes. Dentre os temas que aproximam as duas obras, destacamos: o espaço geográfico, a voz de personagens historicamente subalternizados, uma obra política e denunciatória e um importante prêmio literário, fazendo dos dois romances clássicos de suas literaturas.

No que concerne o espaço geográfico, temos em *Batouala*, o Rio Ubangui-Chari, no Congo, expresso logo no polêmico prefácio do romance:

*Ce roman se déroule en Oubangui-Chari, l'une des quatre colonies relevant du Gouvernement Général de l'Afrique Équatoriale Française. Limitée au sud par l'Oubangui, à l'est par la ligne de partage des eaux Congo-Nil, au nord et à l'ouest par celle du Congo et du Chari, cette colonie, comme toutes les colonies du groupe, est partagée en circonscriptions et en subdivisions.* (MARAN, 1938, p.10)<sup>21</sup>.

Ao longo da narrativa, igualmente, se pode identificar o quanto esse espaço é importante para a região ratificando-se como fundamental na história do

<sup>19</sup> Confira Rego (2020).

<sup>20</sup> Confira Montello (1985).

<sup>21</sup> “Este romance se passa em Oubangui-Chari, uma das quatro colônias sob o Governo Geral da África Equatorial Francesa. Limitada ao sul pelo Oubangui, a leste pela bacia hidrográfica Congo-Nilo, a norte e oeste pela bacia do Congo e Chari, esta colônia, como todas as colônias do grupo, é compartilhada em constituintes e subdivisões.” (MARAN, 1938, p.10).



guerreiro: « *Il me suffit, pour cela, de me rappeler le temps où les m'bis vivaient heureux, tranquilles, au long du grand fleuve Nioubangui, entre Bessou-Kémo et Kémo-Ouadda.* » (MARAN, 1938, p.92)<sup>22</sup>. Esse espaço é também um dos principais elementos do romance, o que segundo afirma Mabanckou (2020), é a África vista por um negro e não por um europeu, como se fazia ao longo da história da literatura.

Ideia semelhante se pode identificar em *Torto Arado*, no qual os rios Utinga e Santo Antônio parecem conduzir a narrativa pelo seu fluxo natural. Para a narradora, o rio Utinga era um lugar de evasão e de memórias da infância: “Brincavam de casa e escola, de roça e de caça, e eu olhava saudosa, recordando minha infância na beira do rio Utinga, entre bonecas de sabugo de milho e enxotando chupins dos campos de arroz.” (VIEIRA JUNIOR, 2020, p.45). No mesmo sentido, encontramos o papel do outro rio: “Nesse tempo, me aproximava mais das margens do rio Santo Antônio, me aproximava mais da roça de meus tios e de Severo. Ficávamos cada vez mais juntos, rindo ou divergindo, ou apenas em silêncio.” (VIEIRA JUNIOR, 2020, p.75). Nas duas narrativas, o rio se apresenta como o que seria um *locus amoenus*, espaço de purificação, lugar de tranquilidade, de alegrias e de paz. Entendemos simbolicamente como aquele lugar que ainda que não pare, corre tranquilo, no seu próprio tempo, acompanhando os acontecimentos, as vidas dos habitantes da região, lavando a alma e representando um ancoradouro. Os dois rios encontram-se no coração de seus países, isto é, no profundo de cada um desses lugares de composição que ajuda a forjar memórias e identidades.

No que diz respeito à voz de personagens historicamente subalternizados, podemos identificar em *Batouala* que desde o título, o seu autor dá voz a um negro guerreiro. Não se trata de um personagem qualquer, mas, um homem que é referência em sua comunidade; a ele é dada a voz da denúncia e das atrocidades cometidas contra aquele povo. Semelhantemente, se vê em *Torto Arado*, a voz de personagens que, de um modo geral, não teriam espaço enquanto protagonistas, sobretudo se voltamos o nosso olhar para Santa Rita Pescadeira, uma personagem que deixa no leitor uma sombra de dúvida em relação à personalidade de bondade ou maldade. Se mata ou se dá vidas. Mas, é no papel da mulher que os romances dialogam mais intensamente. Para Maran: “*Une femme ne doit jamais se refuser au désir d'un homme, surtout quand cet homme lui agréé. Tel est le principe fondamental. La seule loi est d'instinct. Tromper son homme n'a donc pas*

<sup>22</sup> “Só preciso me lembrar da época em que os m'bis viviam felizes, tranquilos, ao longo do grande rio Nioubangui, entre Bessou-Kémo e Kémo-Ouadda.” (MARAN, 1938, p.92).

*grande importance, ou plutôt n'en devrait pas avoir.*” (MARAN, 1938, p.47)<sup>23</sup>. Para Vieira Junior:

Suas mãos côncavas que muitas vezes vi se encherem de terra, de milho debulhado e feijão catado. Eram mãos pequenas, de unhas aparadas, como deveria ser a mão de uma parteira, dona Tonha dizia. Pequenas, capazes de entrar no ventre de uma mulher para virar com destreza uma criança atravessada, mal encaixada, crianças com os movimentos errados para nascer. Ela fazia os partos das trabalhadoras da fazenda até poucos dias antes de sua morte. (VIEIRA JUNIOR, 2020, p.21).

Observa-se nos dois romances certa cumplicidade entre o/a narrador/a e a forma de ver a personagem feminina na obra. O lugar de enaltecimento da mulher é fundamental para o desenvolvimento da narrativa, desde a escolha das narradoras, passando pela amizade entre as irmãs Belonísia e Bibiana e a escolha dessas mulheres como aquelas que conduzem o fio da história. Elas são mulheres que de um modo geral, não teriam a voz que lhes é dada em *Torto Arado*. Evidentemente, *Batouala* não apresenta a mulher nesse mesmo padrão de importância e sensibilidade, mas, a figura da pessoa negra é enaltecida no romance, o que faz dele uma obra que tem todo o mérito de premiação.

Sobre esse aspecto, tanto um, quanto o outro se apresentam como pérolas de sua época. É necessário destacar que nem sempre uma premiação traduz a qualidade de uma obra, contudo, a arqueologia literária ou a construção da memória dão conta de resgatar e valorizar a obra premiada e por essa razão, destacamos a fala do escritor Sony Labou Tansi (2015, p.19) “*Les donneurs de prix savent mieux que ceux qui les reçoivent ce qu’un prix représente. [...] Si l’on me donne un prix parce que je crie mon besoin d’amour et de paix, et que je voudrais communiquer aux autres ce besoin-là, alors les prix servent à quelque chose.*”<sup>24</sup>. O romancista e dramaturgo congolês destaca o quanto o prêmio pode falar, pois é, de fato, um reconhecimento de alegrias, mas também de angústias do escritor.

No âmbito da arqueologia, Daudet (1921 apud GUIMENDEGO, 2001, p. 62) destaca o mérito da obra de Maran ao afirmar:

---

<sup>23</sup> “Uma mulher nunca deve se negar ao desejo de um homem, especialmente quando o homem concorda com ela. Este é o princípio fundamental. A única lei é o instinto. Então, trair seu homem não importa, ou melhor, não deveria.” (MARAN, 1938, p.47).

<sup>24</sup> “Aqueles que entregam prêmios sabem melhor do que aqueles que os recebem, o que o preço representa. [...] Se me entregam um prêmio porque clamo minha necessidade de amor e paz, e porque gostaria de comunicar essa necessidade aos outros, então os prêmios são úteis.” (TANSI, 2015, p. 19).

*L'attribution du prix Goncourt —le seul prix littéraire qui compte vraiment aujourd'hui— à un écrivain de race noire, M. René Maran, auteur de 'Batouala', confirme ce que j'ai eu l'occasion de répéter ici, à maintes reprises, quant à la prétendue infériorité de la race noire. Cette infériorité est un mythe, comme, dans un autre genre, la prétendue supériorité du dix-neuvième siècle<sup>25</sup>.*

A citação resgata a qualidade da obra e ressalta que a inferioridade das raças, pregada por Gobineau, por exemplo, é uma falácia que precisa ser extirpada da sociedade, o que se reflete em diversas sociedades no mundo. No caso de *Torto Arado*, está presente condição análoga à escravidão, assim como no romance de Maran; no entanto, é necessário destacar que no caso do romance do escritor baiano observa-se a denúncia das relações de servidão ainda tão presentes no Brasil profundo, lá onde parece que a escravidão continua sendo a lei. Nesse romance, subjaz a relação oriunda de um passado “[...] escravagista mal resolvido, que nos legou um racismo estrutural e relações de trabalho muito precárias, principalmente onde o Estado está ausente, a Justiça está ausente — e aí eu falo do campo brasileiro.” (VIEIRA JUNIOR, 2021).

Essa história mal resolvida, já citada por Astolfo Marques, no início do século XX, persiste, pois, ações governamentais efetivas precisariam ser implementadas. Esse teria sido também o intento de Maran: denunciar, enquanto alguém que estava realmente ligado às pessoas envolvidas, da mesma forma que Vieira Jr. está ligado às pessoas que trabalham na terra e, por essa razão, pode falar delas com a propriedade de quem vivencia tal realidade. Esse pode ser um dos motivos de ter sido reconhecido com dois dentre os mais importantes prêmios literários de língua portuguesa, o Jabuti e o Oceanos, em 2020, conquistando leitores de diversas esferas sociais. O fato de ter vendido rapidamente mais de cem mil exemplares fez de Vieira Jr. um dos mais conhecidos autores da literatura brasileira. Do mesmo modo, a premiação por *Batouala* fez de Maran um homem público e respeitado por sua literatura em um tempo muito curto.

Entretanto, há um distanciamento entre os dois públicos, pois o brasileiro não sofreu diretamente com a publicação/premiação, como aconteceu com o martiniquense/guianês. Estudos têm mostrado o quanto parece ter sido perigosa a leitura do romance de Maran:

---

<sup>25</sup> “A atribuição do prêmio Goncourt - o único prêmio literário que realmente conta hoje - a um escritor negro, o Sr. René Maran, autor de 'Batouala', confirma o que tive oportunidade de repetir aqui, em muitas ocasiões, quanto à alegada inferioridade da raça negra. Essa inferioridade é um mito, como, em outro gênero, a alegada superioridade do século XIX.” (DAUDET, 1921 apud GUIMENDEGO, 2001, p.62).

*Mettant l'accent sur le rôle de l'Allemagne dans la réception de 'Batouala' en France, Véronique Porra a analysé les circonstances qui ont fait que le texte de Maran perd relativement tôt son statut de simple texte littéraire pour devenir un "générateur d'idéologie". Elle analyse ainsi le fonctionnement de la critique et divise le processus de la réception —depuis la publication du roman jusqu'à la fin 1922— en trois phases, ponctuées par deux événements capitaux: l'institutionnalisation du texte par l'Académie Goncourt et la traduction de 'Batouala' en Allemagne au début de 1922, ce qui favorisera l'appropriation du texte dans le pays voisin à des fins polémiques.* (RUBIALES, 2005, p.127)<sup>26</sup>.

Retomando estudos realizados por Véronique Porra, Lourdes Rubiales (2005), reitera o papel do romance como “criador de ideologias”. Polêmico? Por certo! Não foi por acaso que o romance provocou tanta discussão. Porém, se pensarmos em um Brasil de 2020, as possibilidades de *Torto Arado* sofrer qualquer tipo de retaliação por parte de governantes atualmente no poder são mínimas, pelo simples motivo de o Brasil viver um duro momento de desconstrução, inclusive de leitores. Em que se quer taxar os livros, pois seriam objetos que interessam apenas a uma elite econômica. Diante dessa realidade, uma pergunta reverbera: seria perigoso ler *Torto Arado*? Estaria o livro de Itamar Vieira Jr. promovendo ideologias em um país que tem uma forte bancada ruralista? Não seria um perigo ler o romance?

*Le bruit autour de Batouala se serait sans doute rapidement apaisé si la presse communiste ne s'était emparé de l'ouvrage de M. René Maran à des fins politiques et si un journal colonial, L'Effort Colonial, dirigé par M. Diagne, député du Sénégal, n'avait de son côté fait une sérieuse réclame en allant jusqu'à publier le roman en feuilleton.* (SARRAUT, 1924, apud RUBIALES, 2005, p. 127)<sup>27</sup>.

<sup>26</sup> “Enfatizando o papel da Alemanha na recepção de *Batouala* na França, Véronique Porra analisou as circunstâncias que fizeram o texto de Maran perder relativamente cedo seu status de mero texto literário para se tornar um “gerador de ideologia”. Ela analisa, assim, o funcionamento da crítica e divide o processo de recepção - desde a publicação do romance até o final de 1922 - em três fases, pontuadas por dois eventos capitais: a institucionalização do texto pela *Académie Goncourt* e a tradução de *Batouala* na Alemanha no início de 1922, o que promoverá a apropriação do texto no país vizinho para fins polêmicos.” (RUBIALES, 2005, p. 127).

<sup>27</sup> “O barulho em torno de *Batouala* sem dúvida teria diminuído rapidamente se o presidente comunista não tivesse confiscado a obra de René Maran para fins políticos e se um jornal colonial, *L'Effort Colonial*, editado pelo Sr. Diagne, deputado do Senegal, tivesse por sua vez, feito uma propaganda séria ao chegar a ponto de publicar o romance em série.” (SARRAUT, 1924, apud RUBIALES, 2005, p. 127).

A citação nos lembra uma atitude tomada pelo prefeito da cidade do Rio de Janeiro que, em 2018, em uma feira literária, decidiu retirar todos os livros de um determinado autor, acusando-o de ir de encontro aos comportamentos sociais não aceitáveis. O resultado foi que alguém comprou todos os exemplares e os distribuiu, afrontando uma ditadura estabelecida em nosso país atualmente. Teriam aprendido com essa situação? Teria ficado a lição de que não adianta calar um, pois o homem e a mulher podem ser atores de sua própria história e é isso que Maran nos ensina em 1921 e Vieira Júnior cem anos depois.

O desejo de Maran exposto em seu prefácio: « *Vous savez avec quelle ardeur je souhaite la réussite de ce roman. Il n'est, à vrai dire, qu'une succession d'eaux-fortes. Mais j'ai mis six ans à le parfaire. J'ai mis six ans à y traduire ce que j'avais, là-bas, entendu, à y décrire ce que j'avais vu.* ». (MARAN, 1938, p.9)<sup>28</sup>. A imagem de *eaux-fortes* é emblemática, pois não é uma simples gravura, mas, uma técnica de gravuras feita com ácido para registrar, gravar, deixar uma marca intransponível. Esse desejo do autor parece ter tido eco, pois até hoje duram denúncias das marcas do sofrimento daquele povo, repercutindo ainda cem anos depois.

Antes de passar para as conclusões, dois excertos dos romances em estudo devem ser lidos. Em *Torto Arado*:

Na manhã seguinte, Sutério apareceu em nossa casa para dizer que meu pai precisava terminar o pequeno barramento que fazia no riacho. Que precisava organizar os trabalhadores para capinar e fazer a coivara, deixar a terra limpa, sempre, para quando a chuva chegasse. Entrou em nossa cozinha e perguntou onde havíamos colhido as batatas-doces. Meu pai respondeu que havíamos comprado na feira da cidade. Com que dinheiro, ele quis saber. Vendemos o resto de azeite de dendê que tínhamos fabricado, disse. Sutério pegou a maior parte da batata doce com as duas mãos grandes que tinha e levou para a Rural que havia deixado em nossa porta. Pilhou também duas garrafas de dendê que guardávamos para fazer os peixes miúdos que pescávamos no rio. Lembrou a meu pai da terça parte que tinha que dar da produção do quintal. Mas as batatas não eram produção do quintal. Da terra seca não brotava nem pasto, muito menos batata. E a secura era tanta que nem as várzeas estavam sendo cultivadas. (VIEIRA JUNIOR, 2020, p.85).

---

<sup>28</sup> “Você sabe com que ardor desejo o sucesso deste romance. Ele é, na verdade, apenas uma sucessão de gravuras. Mas demorei seis anos para aperfeiçoá-lo. Levei seis anos para traduzir o que tinha ouvido lá, para descrever o que tinha visto.” (MARAN, 1938, p.9).

A fala da narradora é sintomática de uma denúncia das condições de vida que muitos trabalhadores rurais passam no Brasil. Seja na Bahia, ou no Norte, ou qualquer lugar de um Brasil ainda pouco conhecido por muitos brasileiros, a situação é semelhante, por isso, não é exagero ler esse premiado romance brasileiro com esse olhar denunciatório. É preciso que o Brasil se conheça. Hoje, voltamos ao mapa da fome e, diante disso, que ações podem transformar realidades de milhares de pessoas que vivem em condições sub-humanas, trabalhando por um prato de comida, sem nenhum pagamento? O silenciamento dessas pessoas é rompido por Vieira Jr. que se coloca como voz desses silenciados.

Esse é, portanto, um eco do que se lê em *Batouala*.

Depuis que les boundjous étaient venus s'établir chez eux, les pauvres bons noirs n'avaient pas de refuge autre que la mort. Elle seule les déliait de l'esclavage. Car on ne trouvait plus le bonheur que là-bas, en ces régions lointaines et sombres d'où les blancs sont formellement exclus. Ainsi, depuis huit jours et huit sommeils se lamentaient pleureuses et vocératrices, autour du corps, amarré à un arbre, du père de Batouala. La chevelure grise de cendres, en signe de deuil, le visage noirci de charbon, elles se lacéraient la poitrine et les membres, criaient et dansaient en pleurant. L'assistance marmonnait des chants funèbres. (MARAN, 1938, p.47)<sup>29</sup>.

Neste caso, o silenciamento está ligado ao sofrimento da perda. O guerreiro Batoula chora a perda de seu pai, em um contexto em que se vê a morte como libertação, único espaço de liberdade, em que canções fúnebres dão o tom à lamúria do sofrimento de toda uma comunidade. Episódio no qual se antevê os cantos *negro spiritual*, cantos de resistência e nunca de entrega. A morte é o ponto de partida para a libertação. Nesse cenário, retomamos a citação de Conceição Evaristo, apresentada no início deste texto, lembrando o quanto a morte foi libertação para o povo negro e o quanto o mar pode ser o monumento a essa memória. Por isso, reafirmamos o quanto René Maran é importante para a literatura francófona, uma vez que a premiação de *Batouala* dá ao escritor negro um lugar nunca antes imaginado. Muito provavelmente, por essa razão, o romance tenha repercutido tanto.

---

<sup>29</sup> “Desde que os *boundjous* se estabeleceram em suas casas, os pobres negros não tinham outro refúgio a não ser a morte. Só ela os libertou da escravidão. Porque a felicidade só existia ali, naquelas regiões longínquas e sombrias das quais os brancos estão formalmente excluídos. Assim, durante oito dias e oito noites/sonos lamentavam choravam e vociferar, à volta do corpo, amarrado a uma árvore, do pai de Batouala. O público resmungava canções fúnebres.” (MARAN, 1938, p.47).

## Algumas conclusões

Este texto buscou identificar os ecos do premiado romance *Batouala*, de René Maran cem anos após a sua publicação. Na busca pela construção de uma arqueologia da literatura brasileira e francófona, retornamos aos autores regionalistas, evocando a Semana de Arte Moderna 1922, pois, se diz ter sido nela o nascimento da verdadeira literatura brasileira; então ficamos na primeira metade do século XX? Diversas obras de autores de estados brasileiros do norte ao sul mostram um Brasil que é até exportado, como na obra de Jorge Amado, por exemplo. Cem anos depois, onde estamos? Deparamo-nos com romance *Torto Arado*, do autor baiano Itamar Vieira Júnior, que pode marcar o início de uma verdadeira literatura brasileira, e no qual se pode encontrar temas que se aproximam de *Batouala*, tais como: diversidade cultural; questões ecológicas e ligação à terra; homem-natureza; animais que falam, um realismo maravilhoso, como a narrativa de Santa Rita, um romance exótico e com personagens dóceis.

*Torto Arado*, de fato, dá voz aos invisibilizados; as mulheres têm a principal voz na narrativa, mesmo quem não pode falar é responsável por uma voz engajada. *Batouala* é original; é o primeiro romance “verdadeiramente negro, escrito por um negro”; é situado socio historicamente logo no prefácio, dando voz aos negros em condição de subserviência, e fomenta o movimento da Negritude. Já *Torto Arado* tem uma voz engajada de denúncia, expondo uma realidade do “Brasil profundo”, apresentando uma narradora, em primeira pessoa, que mesmo aparentemente incapacitada de falar, poeticamente, na narrativa lê-se o contrário. *Batouala* parece conceber estratégias de combate ao colonialismo, denunciando o esquema de violência causado pela metrópole; *Torto Arado* tem uma narrativa que pode ajudar o homem do campo a resistir e reconhecer a sua situação de escravizado moderno.

Com *Batouala*, René Maran traduz a sua consciência, enquanto funcionário do governo francês, alguém que conhece de perto a realidade daquele povo negro; em *Torto Arado*, Itamar Vieira Jr. traduz igualmente a sua consciência de funcionário do INCRA e alguém que conhece a realidade, revelando que, neste início de século XXI, pouco mudou em relação ao *Treze de maio*. E o Brasil de hoje, como está?

[...] o Brasil moderno que está se configurando a partir do pós-abolição é uma sociedade hierárquica, nas quais a liberdade conquistada antes e no 13 de maio não representa nenhuma garantia de mobilidade social através do



trabalho, mas conforma um universo, controlado pela esfera política, na qual dominantes e subalternos mantêm laços de proximidade que podem ser agenciadas pelos de baixo. A existência dessa expectativa no âmbito individual recrudescer a perspectivas de ascensão social em termos coletivos (GATO, 2018, p. 139).

Cem anos depois da publicação de *Batouala, le véritable roman noir*, escrito por um negro, tendo sido o primeiro a ter a sua obra recompensada pelo prestigioso Prix Goncourt, tivemos no Brasil, o primeiro Colóquio em homenagem a Maran, (do qual se tem registro). Cem anos depois, que lição *Batouala* (livro perigoso) e Maran nos deixam? O Brasil é o país com a maior população negra fora da África (85.783.143)<sup>30</sup> e, com um imenso potencial de leitores, por que não temos traduções da obra? 2021: às vésperas do Centenário da Semana de Arte Moderna, a Literatura Brasileira parece renascer nas linhas de *Torto Arado*, que dá voz aos invisibilizados do sul global, da Chapada Diamantina, em um Brasil profundo.

Enquanto *Batouala* foi obra precursora do movimento da Negritude na luta anticolonialista e *Torto Arado* apresenta-se como certidão de nascimento de uma nova literatura brasileira -decolonial- em um Brasil pouco conhecido dos brasileiros, assim, como as colônias eram pouco conhecidos da metrópole. *Batouala* e *Torto Arado* reverberam a situação do povo negro na África, no Brasil ou no Caribe de Jean Rhy, configurando-se em monumentos “à memória negra”, não construídos no fundo do mar, mas escritos/registrados em linhas certeiras, banhadas pelos rios Santo Antônio, Utinga e Ubangui que, certamente, confluirão para o mar, encontrando “aqueles que se perderam na travessia”. Literatura é resistência. Escrevê-la, estudá-la e lê-la é não silenciar!

### **1921 AND A HUNDRED YEARS AFTER: A FEW ECHOES OF BATOUALA IN BRAZIL**

**ABSTRACT:** *In this paper we aim to discuss the echoes of the novel Batouala in Brazil, a hundred years after, highlighting the importance of this work as the first Black novel written by a Black person. Because of the publication centenary of this novel in 2021 and the important award that it received, the Goncourt Prize, we think it is meaningful to put this novel as the centre of our discussion. For these considerations, we will follow two paths. The first emphasizes the archeology of the “Francophone” literary text, in the*

---

<sup>30</sup> Confira Lucas (2021).

*words of Allouache (2018), highlighting the work of René Maran as a non-French author of the French language who obtained international recognition, causing love and hate among readers of the Overseas Departments, among those in the metropolis, France, and by extension in Europe (RUBIALES, 2005). In the second path, we establish a dialogue between the novel Batouala and Brazilian literature published in the last hundred years. In this way, we are rescuing the writers who contributed to the construction of a "truly" Brazilian literature, as understood by Batouala, by Maran, "un roman véritablement nègre". Related to this theme, there is Crooked Plough, by Itamar Vieira Júnior, that gives voice to the wretched of the earth (FANON, 2002) in this deep Brazil, among others.*

**KEYWORDS:** *Batouala. Crooked Plough. Archaeology. Colonization.*

## REFERÊNCIAS

ALLOUACHE, F. Batouala: un roman inattendu? De la distinction au scandale. In : COLLOQUE EN HOMMAGE A RENE MARAN. Fort-de-France : Collectivité Territoriale de Martinique, 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=gurN88\\_LjWU&t=12438s&ab\\_channel=CTMCollectivit%C3%A9TerritorialedeMartinique](https://www.youtube.com/watch?v=gurN88_LjWU&t=12438s&ab_channel=CTMCollectivit%C3%A9TerritorialedeMartinique)> . Acesso em: ago. 2021.

ALLOUACHE, F. **L'Archéologie du texte littéraire dit « francophone »** : 1921-1970. Paris : Garnier, 2018.

ALLOUACHE, F. Réflexions à propos des littératures dites "francophones". **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 1, p.17-28, 2012.

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AZEVEDO, A. **O mulato**. São Luís: Typ. do Paiz, 1881.

BARRETO, L. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017.

BLONDEAU, N. Literatura ditas "francófonas" e o ensino/aprendizagem do francês como língua estrangeira: um encontro perdido? [Tradução de Déborah Alves Miranda e Josilene Pinheiro-Mariz.] In: PINHEIRO-MARIZ, J. (Org.). **Em busca do prazer do texto literário em aula de línguas**. São Paulo: Paco editorial/Campina Grande: EDUFCG, 2013. p. 51-60.

DE CARLO, M. **L'interculturel**. Paris : CLE International, 1998.

DEVULSKY, A. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DUCOURNAU, C. **La Fabrique des classiques africains**. Écrivains d'Afrique subsaharienne francophone. Paris: CNRS Editions, 2017.

EVARISTO, C. **Escreviências**. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2020/08/as-escrevivencias-de-conceicao-evaristo/>> . Acesso em: ago. 2021.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução S. Nascimento. São Paulo : Ed. Ubu, 2020.

FANON, F. **Les damnés de la terre**. Paris : Ed. La découverte, 2002.

GATO, M. Ninguém quer ser um treze de maio Abolição, raça e identidade nacional nos contos de Astolfo Marques (1903–1907). **Novos estud. CEBRAP**, São Paulo. v. 37, n. 01, p.117-140, jan.-abr. 2018.

GENESTE, E. Autour de Batouala de René Maran : réflexions sur quelques formulations racistes et antiracistes du mot « nègre ». **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Débats, 2010. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevo-mundo/60301>> . Acesso em: ago. 2021.

GOBINEAU, A. **Essai sur l'inégalité des races humaines**. Paris: Firmin-Didot frères, 1853-1855.

GUIMENDEGO, M. Le roman *Batouala* de René Maran : portrait satirique du colonisateur ou *materia prima* pour l'histoire. **Francofonia**, Cádiz, v.10, p. 61-77, 2001.

JOUBERT, J.-L. **Les voleurs de langue** : Traversée de la francophonie littéraire. Paris : Philippe Rey Ed. 2006.

LEOTIN, M.-H. In : COLLOQUE EN HOMMAGE A RENE MARAN. Fort-de-France : Collectivité Territoriale de Martinique, 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=gurN88\\_LjWU&t=12438s&ab\\_channel=CTMCollectivite%20C3%A9TerritorialedeMartinique](https://www.youtube.com/watch?v=gurN88_LjWU&t=12438s&ab_channel=CTMCollectivite%20C3%A9TerritorialedeMartinique)> . Acesso em: ago. 2021.

LOBATO, L. **A Menina do Narizinho Arrebitado**. Ilustrador Voltolino. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1921a.

LOBATO, L. **Fábulas de Narizinho**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1921b.

LOBATO, L. **Saci**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1921c.

MABANCKOU, A. Batouala de René Maran présenté par l'écrivain Alain Mabanckou – **RFI**, 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=2uW4DYncTc4&ab\\_channel=RFI](https://www.youtube.com/watch?v=2uW4DYncTc4&ab_channel=RFI)> . Acesso em: ago. 2021.

MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. São Paulo : Autêntica. 2020. p.79-106.

MARAN, R. **Batouala**. Un véritable roman noir. Paris : A. Michel, 1938.

MARAN, R. **Batouala** : véritable roman nègre. Paris : A. Michel, 1921.

MARQUES, A. **O treze de maio e outras estórias do pós-abolição**. Organização de Matheus Gato. São Paulo: Editora Fósforo, 2021.

MONTELLO, J. **Tambores de São Luis**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Josilene Pinheiro-Mariz

RUBIALES, L. Notes sur la réception du Goncourt 1921 en France. **Francofonía**, Cádiz, v.14, p. 123-145, 2005.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

GRACILIANO, R. **Vidas Secas**. 153. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

QUEIROZ, R. **O Quinze**. São Paulo: Ática, 2019.

REGO, J. L. **Menino de Engenho**. São Paulo: Global Editora, 2020.

RHYS, J. **Vasto mar de sargaços**. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

RHYS, J. **Wide sargasso sea**. London: Andre Deutsch, 1966.

RUBIALES, L. Notes sur la réception du Goncourt 1921 en France. **Francofonía**, Cádiz, v.14, p.123-145, 2005.

TANSI, S. L. **Ancre, sueur, salive et sang**. Paris : Seuil, 2015.

LUCAS, A. S. Top 10 países com maior população negra fora da África. **Top10+**. Disponível em: <<https://top10mais.org/top-10-paises-com-maior-populacao-negra-fora-da-africa/>>. Acesso em: ago. 2021.

VIEIRA JÚNIOR, I. “‘Torto Arado’ reflete passado escravagista mal resolvido”. Entrevistado por Edison Veiga. **Portal Geledés**, 2021. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/torto-arado-reflete-passado-escravagista-mal-resolvido/>>. Acesso em: ago. 2021.

VIEIRA JÚNIOR, I. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2020.

